

DOI: 10.20911/21799024v15n1p39/2024

“É duro ser governado por um inferior” (DK 68 B 49): pensar o político a partir de Demócrito

**“It is hard to be ruled by an inferior” (DK 68 B 49):
to think the political from Democritus**

Fabício Veliq¹

Resumo: O presente artigo visa apresentar, de maneira geral, a relação existente entre o pensamento ético e a atuação política em Demócrito. Para tal, dividimos nosso texto em três partes. Na primeira apresentamos em linhas gerais como, de acordo com o pensamento democritiano, a sociedade humana se forma. Num segundo momento, abordamos brevemente traços gerais da psicologia democritiana, ressaltando a importância da alma para a ética de Demócrito. Por fim, apontamos algumas características encontradas no pensamento de Demócrito que nos ajudam a compreender como deve ser a ação política do ser humano sábio na sociedade e, em contrapartida, o malefício que temos ao ser governado por um inferior.

Palavras-chave: Demócrito; Cidade; Ética; Política.

1 Doctor of Theology (2018), by Katholieke Universiteit Leuven (KU Leuven - Bélgica); Doutor em Teologia (2018) pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte (FAJE); Mestre em Teologia (2014) pela Faculdade Jesuíta de Belo Horizonte (FAJE), Bacharel em Filosofia (2019), Licenciado em Filosofia (2022) pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Graduando em Ciência de Dados e Big Data pela UNINASSAU.

Abstract: The aim of this article is to present an overview about the relation of politics and ethics in Democritus' thoughts. To do so, we have divided this article in three parts. First, we have presented how human society raised and developed according to Democritus' thoughts. After that, we have quickly presented Democritus' psychology emphasizing the role of the soul in Democritus' ethics. Finally, we have pointed out few characteristics in Democritus' philosophy that help us to comprehend how should be the political actions of a wise human in society, and how malicious could be to be ruled by an inferior.

Keywords: Democritus; City; Ethics; Politics.

Introdução

Durante muito tempo foi corrente a ideia de que os pré-socráticos eram apenas filósofos da natureza, preocupando-se somente em explicar os fenômenos naturais, enquanto a partir de Sócrates um pensamento humanista passou a ser desenvolvido, tendo chegado à sistematização a partir do pensamento de Platão e Aristóteles. Essa ideia foi bem sistematizada por Casertano (2011, p. 23):

Assim, falou-se de um "naturalismo dos pré-socráticos (entendendo com isto que eles teriam se interessado exclusivamente pelo estudo da natureza), contrapondo-o ao "humanismo de Sócrates, o qual teria sido o primeiro a ter deslocado a investigação para os problemas do homem. Naturalismo e humanismo seriam depois fundidos no período "sistemático", representado por Platão e Aristóteles, que teriam então organizado toda as teorias e doutrinas anteriores nos próprios sistemas orgânicos e coerentes.

Tais esquemas, hoje largamente conhecidos como errôneos, nos convidam a lançar um olhar mais acurado àqueles que ficaram conhecidos como "pré-socráticos". Tal olhar deve, portanto, recair também sobre o pensamento ético e político desses autores. Afinal, dentro da *pólis* grega que sofrera grandes alterações em sua organização política, passando de "miríades de pequenos príncipes que reinavam em pequenas cidades e nem sempre no território circunstante, cujas funções fundamentais eram administrar a justiça e dirigir a guerra" (CASERTANO, 2011, p. 17) para o tão conhecido regime democrático, é impossível não considerar que a reflexão filosófica presente nesse período não abordaria o tema da política.

Demócrito, considerado como "pré-socrático", mesmo tendo sido um contemporâneo de Sócrates, é um desses filósofos. Nascido em Abdera em 460, segundo Diógenes Laércio, era o caçula de três irmãos (DL, IX, 2). Também se diz dele que viajou muito, chegando à Pérsia e à Índia, tendo uma vasta obra sobre ética, física, cosmologia, matemática, dentre outras, tendo sido até mesmo definido por Aristóteles como "um dos mais importantes pensadores que o tinha precedido" (cf. CASERTANO, 2011, p.196).

Tendo sido o mais célebre dentre os atomistas, sua tese de que há somente átomo e vazio, sendo ambos eternos, é bem conhecida. Contudo, pelo menos em português, mesmo que haja um crescente no interesse pelo pensamento democritiano, ainda se há alguma dificuldade em achar trabalhos que tratem da reflexão ética e política de Demócrito. Nesse sentido, o presente artigo visa abordar, mesmo que incipientemente, aspectos do pensamento democritiano a respeito do político, no intuito de contribuir para um maior conhecimento dessa temática na reflexão atomista.

1. A origem da sociedade

No tempo de Demócrito a sociedade grega já estava estabelecida há alguns séculos, tendo se desenvolvido até chegar a um regime de governo democrático como era o caso à época do filósofo. Contudo, a partir da sua tese central de que tudo no cosmos era composto de átomos e vazio, não é de se admirar que Demócrito tentasse explicar a partir do modo como se deu o surgimento da vida na Terra, também o surgimento da própria sociedade humana. Um dos testemunhos que nos ajudam a compreender tal processo se encontra em DK 68 B5.1, fragmento atribuído por Diodoro de Sicília a Demócrito (cf. PEIXOTO, 2007, p.37). Destacamos, a seguir, alguns trechos desse testemunho, que nos são úteis para compreender o surgimento da sociedade humana:

(...) Diz-se, pois, que os homens daquelas gerações primitivas, levando uma vida sem leis, como a das feras, saíam dispersos para se alimentar, procurando aquela erva que era mais agradável de sabor e os frutos que as árvores produziam espontaneamente. Eram sempre agredidos pelas feras, e a utilidade ensinou-os a ajudar-se reciprocamente; então, reunidos em sociedades sob o impulso do temor, começaram pouco a pouco a reconhecer-se pelo aspecto. E dado que antes emitiam vozes desprovidas de significado e inarticuladas, começaram a articular gradualmente as palavras; e, estabelecendo entre si expressões convencionais para designar cada objeto, vieram a criar um modo conhecido de todos para significar as coisas. (...) Portanto, aqueles primeiros homens viviam em dificuldade, pois ainda não se tinha encontrado nada do que é útil à vida. (...) Não tardou muito que eles, ensinado pela experiência, no inverno se refugassem nas grutas e aí guardassem os frutos que podiam ser conservados. Quando conheceram o fogo e as outras coisas úteis à vida, pouco depois descobriram também as artes e todos os outros meios que podem trazer utilidade à vida social. Assim, em geral, para os homens o uso foi mestre de todas as coisas, tornando familiar a aprendizagem de cada habilidade a este ser bem dotado e que tem as mãos, a razão e a versatilidade da mente como cooperadoras para cada ocorrência. (PEIXOTO, 2007, p. 37).

Algo que é importante de ressaltar, como bem nos aponta Peixoto (2007, p.6) em sua análise do testemunho de Diodoro, é que tal processo se dá sem nenhuma necessidade de um princípio motor, a não ser a necessidade que lhe é intrínseca. Com isso, Demócrito rompe com toda uma tradição que via nos deuses a causa de todas as coisas, o que, por si só, já seria objeto para um longo estudo.

Voltando à nossa temática, algo que nos chama atenção no relato de Diodoro é que o surgimento da sociedade se dá por convenção e movido pela utilidade. Em outras palavras, é a necessidade de proteção, comunicação, e o conhecimento das coisas úteis à vida que fazem com que os seres humanos se organizem em sociedade. Ou, como diz Peixoto, 2010, p.90 “a experiência de ajuda mútua era, portanto, um estado embrionário do processo de formação das primeiras comunidades humanas”. Se antes, como os animais, os seres humanos estavam sem lei, agora, vivendo em sociedade, surge a necessidade de que tais leis sejam criadas.

2. O bom ordenamento da alma

Quando nos movemos para a vida na sociedade e, conseqüentemente, para a vida política de tal sociedade, o tema da ética se mostra fundamental. Ao mesmo tempo, tal reflexão ética precisaria estar em consonância com a tese democritiana de que tudo é composto de átomos e vazio, de maneira que a construção da teoria que a partir dela se desenvolve, apresentasse uma coerência interna e pudesse realmente constituir um “sistema”² bem ordenado e concatenado.

Dessa forma, refletir, ainda que rapidamente, sobre a concepção da alma no pensamento democritiano se mostra de grande valia para que seja possível darmos o salto para o pensamento político de Demócrito.

Para o pensamento atomista, a alma é também ela constituída de átomos. Para compreender que espécie de átomos são esses, a noção de *rhusmos* se torna fundamental. Esse termo, motivo de grandes discussões a respeito de seu significado, pode ser entendido, como bem indica Peixoto (2021, p. 426), “como a forma dinâmica delineada por um átomo no seu movimento natural”. Nesse sentido, a alma seria constituída de átomos mais sutis, também chamados de esferoides, sendo capazes de se moverem rapidamente por todo o corpo, fazendo da alma um composto dinâmico.

A alma, por conseguinte, seria a responsável pelo movimento dos corpos compostos, sendo totalmente impensável, no pensamento atomista, a ideia de um corpo vivo que destituído de alma³. Da mesma forma, ela seria também responsável tanto pelas atividades do sentir e do pensar. Por conseguinte, pensar e sentir devem ser vistos como “níveis distintos de uma mesma atividade, encadeadas no ato de conhecimento, com alcances diferentes na apreensão do visível e do invisível” (PEIXOTO, 2012, p. 42). Dependendo de como esses átomos de

2 Usamos a palavra sistema aqui sem a intenção de definir a filosofia democritiana como uma filosofia sistemática, o que sabemos, não era a intenção dos conhecidos filósofos pré-socráticos.

3 Aqui é digno de nota que tal concepção de um ser humano que só pode ser entendido como composto de corpo e alma, sendo a alma aquilo que mantém o corpo vivo já estava presente na antropologia hebraica, sob o termo da *ruah*, palavra que quer dizer sopro, espírito, vento. Como Demócrito é conhecido por ser um grande viajante, seria plausível pensar que em uma de suas viagens tenha tomado conhecimento de tal concepção entre os povos do Oriente.

alma estão dispostos no corpo, podem originar as sensações ou o pensamento (*phroneîn*).

Os átomos da alma no corpo *metarhousim*, pois, de duas maneiras diferentes, uma vez dispersos em toda a extensão do corpo, eles são a origem do movimento e das sensações; uma vez concentrados em uma mesma parte do corpo, seja esta o tórax ou o encéfalo, constrictos em um mesmo espaço e sem nunca cessar de se moverem, produzem uma alteração de temperatura, a qual, quando não é excessiva nem deficiente, produz o pensamento (*phroneîn*), tornando, possível um dado encaminhamento ou síntese das sensações ocorridas através de um ou outro dos sentidos. (PEIXOTO, 2012, p. 44).

Aqui se apresenta algo fundamental para a nossa compreensão ética no pensamento atomista. O equilíbrio dos átomos de alma, ou seja, sua simetria, a partir da ação do *phroneîn* é que produz a ação ética. Em outras palavras, a ação ética depende, portanto, da *phronesis* que, segundo Demócrito, consiste no “calcular bem, falar bem e fazer o que é preciso” (DK 68 B 2).

Contudo, conhecer algo e viver em conformidade com esse algo são coisas bastantes distintas, como bem aponta Demócrito em DK 68 B 53: “Muitos, sem ter aprendido a razão, vivem segundo a razão”. Em outras palavras, não há uma conexão necessária entre o bem viver e o agir racionalmente. Do que se pode depreender também o contrário, a saber que o fato de todo ser humano ser dotado de razão não faz com que ele tenha uma vida que seja em conformidade com ela. E é nesse ponto que entra em cena a educação.

É preciso aprender a deliberar bem, falar bem e fazer o que é preciso, ações essas que se dão por meio do exercício, que como bem aponta Demócrito em DK 68 B 33 é capaz de produzir no ser humano uma natureza (*phusiopoiein*): “A natureza e a instrução são algo semelhante, pois, a instrução transforma o homem, mas, transformando-o, cria-lhe a natureza”. Bem compreendida, tal possibilidade levantada por Demócrito torna o ser humano o único responsável pelas ações que realiza na sociedade em que está inserido. Ele deve agir sabiamente a fim de alcançar a *euthymia*, conhecida também como serenidade da alma.

3. A vida na cidade

Uma vez compreendida a estreita ligação que há entre a física atomista e a ética, podemos nos mover com certa tranquilidade para a esfera do político. No entanto, é importante que nos lembremos de que o termo “político” não deve ser aqui compreendido da mesma forma que o compreendemos hoje, a fim de que não caiamos em anacronismos.

Da mesma forma, porém, acreditamos que as indicações feitas por Demócrito sobre o ambiente político de seu tempo podem contribuir muito para que observemos a realidade de hoje e sejamos capazes de propor novos caminhos que visem o bem da sociedade.

Como bem aponta Casertano, com Demócrito temos talvez a última e a mais luminosa teorização do “ideal” de homem grego que pode encontrar sua plena realização somente no harmonioso desenvolvimento e no fortalecimento de seu corpo e de sua mente, dos sentidos e da inteligência, num quadro de valorização da cidade democrática do século V. Nesse cenário, também é curioso de se notar que, ao que tudo indica, Demócrito não foi um cidadão passivo em seu tempo, tendo até mesmo sido considerado como um homem público. (CASERTANO 2011, p. 217). Peixoto nos mostra isso ao confrontar a atividade de Demócrito como magistrado de que se fala na *Suda* com o testemunho material da numismática nas moedas de Abdera havia a inscrição *Epi Demokrito*. Tais inscrições eram cunhadas em nome do magistrado da cidade, o que poderia supor que Demócrito tenha exercido um cargo público de grande importância em Abdera (PEIXOTO, 2009, p. 183).

Quanto aos regimes políticos de seu tempo, ele era um grande defensor da democracia. Em DK 68 B 251 temos uma reflexão que vai nesta direção: “Na democracia a pobreza tanto mais é preferível à chamada felicidade entre os autocratas quanto a liberdade à escravidão”. Como notou Casertano, para Demócrito a pobreza sob um governo democrático é preferível ao chamado bem-estar que os governos tirânicos oferecem, como é preferível a liberdade à escravidão. Nesse sentido, é o fato de a cidade estar fundada sobre as leis aquilo que garante a liberdade (cf. CASERTANO, 2011, p. 218).

No pensamento de Demócrito, a garantia da paz é necessária e, para tal, também a garantia da ordem, devendo, portanto, ser eliminado da cidade qualquer cidadão que possa nela desencadear a *hybris*. Assim, a lei se torna um recurso em vista da harmonia na cidade, de tal maneira que uma investida contra a lei representaria uma investida contra a sociedade (cf. PEIXOTO, 2009).

Ainda conforme Peixoto (2009, p. 182), o bem viver do indivíduo pressupõe em Demócrito uma boa disposição do cosmo político, sendo condição para tal disposição que se observe três pontos: “1) a necessidade de um líder acima dos partidos (o basileu); 2) a regulação da relação entre os homens garantida pelo arconte; 3) a subdivisão do trabalho e, conseqüentemente, dos papéis sociais”. Claramente, para que tal propósito possa ser satisfeito é necessário o aprendizado da arte política.

No que tange à relação com a própria lei, Demócrito mostra que o sábio não precisa estar sujeito a ela, uma vez que possui dentro de si mesmo uma lei interior, o princípio de justiça que deve residir no ser humano independentemente das circunstâncias ou coações externas. Com isso em mente, o fragmento (DK 68 B 264), que diz que “em nada respeitar mais os homens que a si mesmo, nem fazer algo mau, quer ninguém vá ver, quer todos os homens” e conclui dizendo que é preciso “respeitar principalmente a si mesmo e estabelecer para sua alma esta lei: nada fazer de inadequado”, deve ser tido como chave de leitura para se compreender o que ele entende por viver justamente. Segundo Peixoto, esta é também a via para que uma cidade seja justa (cf. Peixoto, 2009, p.186-187).

Dessa forma, a vida política do sábio é também a expressão de sua vida natural. O equilíbrio da alma que é característico daquele que é guiado pela sua

phronesis tem como consequência a justiça da própria cidade. Nesse sentido, temos em Demócrito um apelo à auto legislação, como bem observou Peixoto (2009, p. 188-189):

O sábio, na autossuficiência (*autarcheia*) que o caracteriza, vive segundo a natureza, segundo a sua razão natural, e reflete, enquanto microcosmo, a boa ordem e o equilíbrio do macrocosmo. (...) A ordem da cidade e seu equilíbrio dependerão da capacidade de seus átomos humanos, guiada pela necessidade – de sua vida em comum sob o signo da lei – e da liberdade – de autolegislar – que caracterizando a vida do sábio e de outros homens frente à lei, de estabelecer e restabelecer, em uma *palin diakosmesis*.

Se por um lado, temos que a ordem do microcosmo da cidade reflete a ordem do macrocosmo e o equilíbrio da alma é também responsável pela justiça na cidade, então acreditamos ser possível pensar que quando o contrário acontece, ou seja, quando o governo da cidade está sob o domínio dos que não são guiados pela *phronesis*, ocorre a injustiça e o desequilíbrio na cidade.

Talvez seja esse o motivo pelo qual Demócrito faz questão de mostrar o quão pernicioso é ser governado por aqueles que são indignos. Em (DK 68 B 254, 151 N, Luria 614), Demócrito afirma que: “Quando pessoas más assumem posições oficiais, quanto mais indignas são, mais negligentes elas se tornam, e mais estão cheios de tolices e ousadia”. Da mesma forma, em (DK 68 B 49, 143 N, Luria 614), Demócrito nos diz que “é difícil ser governado por um inferior”, da mesma forma que é perigoso conceder a espada para um homem louco e o poder para um homem mau (DK 68 B 264, 142 N, Luria 614).

Conclusão

É possível perceber no pensamento de Demócrito interessantes indicações sobre o bem viver na sociedade e, conseqüentemente, para a vida política. Se sobre o ser humano recai a responsabilidade de ser o senhor do seu destino, visto ter convencionado para si as leis que devem reger a sociedade, é necessário também que seja capaz de se conduzir nela de maneira a não fazer nada de inadequado (DK 68 B 264). Antes, utilizando a *phronesis*, ser capaz de falar bem, deliberar bem e fazer o que é preciso (DK 68 B 2).

O bom equilíbrio da alma, que deve ser também desenvolvido por meio da educação capaz de produzir natureza, traz como consequência um viver que é justo na *pólis* e, conseqüentemente, aquele que é sábio e age de acordo com *phronesis* não precisa se assujeitar à lei alguma, visto ter em si mesmo o próprio princípio que é deveria ser o fundamento de toda lei que age visando a justiça.

Na via contrária, a ação do ser humano não sábio, daquele que não age de acordo com a *phronesis*, sendo, portanto, *aphroneo* causa um grande mal à sociedade e aos indivíduos particulares, visto que a boa ordem da sociedade é também necessária para o bom equilíbrio da alma. Microcosmo e macrocosmo estão totalmente interligados, ou melhor, são uma só coisa, visto como bem ex-

põe Demócrito, “por convenção o doce, por convenção o amargo, por convenção o quente, por convenção o frio, por convenção a cor; na realidade, porém, átomos e vazio” (DK 68 B 9).

À necessidade de um equilíbrio da alma se faz necessário um equilíbrio da sociedade. Como átomos que sempre se movem e se rearranjam, dando à realidade o seu caráter mutável, assim também é a vida na sociedade e seu aspecto político. Nessa mutabilidade constante o equilíbrio da alma se torna fundamental.

Referências

CASERTANO, Giovanni. *Os pré-socráticos*. São Paulo: Loyola, 2011.

COLEÇÃO Os Pensadores, v.1. Abril Cultural, 1973.

DIOGENES LAÉRCIO, *Vidas, opiniones y sentencias de los filósofos más ilustres*. Livro IX. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/vidas-opiniones-y-sentencias-de-los-filosofos-mas-ilustres-tomo-i--0/html/>. Acesso em 26.07.2021.

LURIA, S. (coll.) *Democriteia*. Leningrado, 1970.

PEIXOTO, Miriam Campolina Diniz. La città, il saggio e gli altri uomini. Democrito pensatore della *pólis*. In: CORNELLI, Gabriele; CASERTANO (orgs.), Giovanni. *Pensare la città antica: categorie e rappresentazioni*. *Philosophica I*: Collana di storia della filosofia. Casoria: Lofredo Editore S.P.A, 2009.

PEIXOTO, Miriam Campolina Diniz. *Physis et didaché chez Démocrite*. Officina del libro, Passignano s.T. 2010.

PEIXOTO, Miriam Campolina Diniz. Sobre o sentir e o inteligir: a propósito do testemunho DK 68 A 105 de Demócrito. In: PEIXOTO, Miriam Campolina Diniz; MARQUES, Marcelo Pimenta; PUENTE, Fernando Rey. *O visível e o inteligível: estudos sobre a percepção e o pensamento na filosofia grega antiga*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, p. 35-67.

PEIXOTO, Miriam Campolina Diniz. Rhusmos e movimento dos átomos na física de Demócrito. *Kriterion: Revista de Filosofia* [online]. 2010, v. 51, n. 122 [Acesso 26 Julho 2021], pp. 413-428. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0100-512X2010000200005>>. Epub 14 Jan 2011. ISSN 1981-5336. <https://doi.org/10.1590/S0100-512X2010000200005>.